



ROMA 2015

XXIII CAPITULUM GENERALE

Misericordes, in comunitate, cum pauperibus

Misericordiosos, em comunidade, com os pobres

Mensagem Final do XXIII Capítulo Geral

1 Reunidos no XXIII Capítulo Geral, sentimo-nos chamados, juntamente convosco, confrades da Congregação, a viver misericordiosos em comunidade com os pobres.

O **Fundador** recorda-nos que “não existe outro atributo divino que a Sagrada Escritura mais enalteça do que a sua **misericórdia**” (RSC 72). Por isso é necessário que os “ministros do Salvador sejam revestidos da sua caridade para irem ao povo e promoverem todas as obras que possam aliviar o povo nos seus sofrimentos e restabelecer a sua situação” (ESC II: OSP 5, 639). Olhando para a Igreja e para o mundo acreditamos que hoje seja este o caminho para responder à vocação de servidores e anunciadores do “amor que torna Deus perceptível nas sombras frias da vida” (NHV 12/159).

2 O **Filho** de Deus, saído do seio do **Pai**, pôs-se a caminho connosco ao longo das estradas da nossa história para que seja uma história de libertação. O **Espírito** continuamente nos impele a fazer caminho com Ele neste **êxodo** em direção ao seu **Reino**.

Em Jesus, Deus tomou um coração humano. Ver e contemplar o **Coração de Cristo** (cf. CST 21) introduz-nos no mistério do Amor de Deus, que toma a iniciativa e nos acolhe sem condições.

Obtendo o **Espírito** do lado trespassado de Cristo, olhamos para nós próprios e para toda a humanidade com os olhos de Deus. Vemos o seu olhar pousar com especial benevolência sobre aqueles que o mundo não vê ou não quer ver, aqueles que estão privados do necessário para viver, do pão e da esperança, do trabalho e da dignidade, de alguém que os ame e de alguém para amar.

3 Nós, Sacerdotes do Coração de Jesus, conhecemos e acreditamos no amor de Deus **misericordioso** que quer viver **em comunhão com os seus pobres**. Queremos estar no Coração de Deus para também estarmos mais próximos dos miseráveis e com eles procurarmos acima de tudo o Reino de Deus.

Chamados a inserir-nos no movimento do amor redentor, somos reunidos em **comunidades fraternas** onde doamo-nos uns aos outros (cf. CST 21), para que possamos dar a conhecer reciprocamente a misericórdia de Deus.

4 Misericordiosos, em comunidade, com os pobres é o convite a um **êxodo** que consiste em sair de nós mesmos para ir ao encontro do outro; em deixar para segundo plano a procura da segurança e do conforto para nos abirmos ao acolhimento; em programar com prudência, conservando-nos capazes de acolher o inesperado; em caminhar como os pobres em direção a uma terra onde “*misericórdia e verdade se encontrarão, justiça e paz se beijarão*” (Sl 85 [84], 11).

Misericórdia é também o nome de uma comunidade em **missão**, para a qual “o nosso lugar é na periferia, nos ambientes difíceis e nas fronteiras do mundo, onde mais falta o amor” (*Bressanelli*, 304).

5 A nossa fragilidade implora a misericórdia de Deus e para isso anuncia o nascimento de algo de novo que ativamente esperamos. Com esta esperança, procuramos as formas, adequadas aos dias de hoje, para ser misericordiosos, em comunidade, com os pobres.

Por isso, no XXIII Capítulo Geral identificámos alguns itinerários que devemos percorrer juntos.

1. Fortalecer a nossa *identidade* e crescer na liberdade criativa para obedecer àquilo que Deus nos chama a ser hoje;
2. Manter-nos abertos em *comunidades acolhedoras*;
3. perseverar em atitude permanente de *formação*, a nível pessoal e comunitário;
4. desenvolver as nossas capacidades para um exercício inteligente da *caridade* em favor dos *necessitados* e a nossa disponibilidade em viver com eles;
5. cultivar uma atitude *missionária*, pela qual nos sentimos continuamente levados a “fazer-nos ao largo” (Lc 5, 4).

1. Espiritualidade e identidade

*Experiência pessoal e comunitária do amor de Deus
e realização na missão*

Chamados a servir a Igreja na Congregação dos Sacerdotes do Coração de Jesus, a nossa resposta supõe uma vida espiritual: uma abordagem comum do mistério de Cristo, sob a ação do Espírito (CST 16).

6 Como discípulos do Padre Dehon, nós procuramos o princípio e centro da nossa vida na **união a Cristo** no seu amor pelo Pai e na sua misericórdia pela humanidade. “Não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim” (Gal 2, 10).

No Amor misericordioso de Deus encontramos o alicerce da nossa identidade religiosa e a atualização da herança espiritual e apostólica que o Padre Dehon nos deixou, matriz, juntamente com o nosso viver atual, da “cultura dehoniana”.

7 A **experiência pessoal e comunitária** da misericórdia ativa de Deus é a fonte do nosso testemunho do Evangelho, a forma da nossa missão e a essência da nossa pastoral

vocacional. Sentimo-nos envolvidos como destinatários e como participantes, convidados “a ter em nós os mesmos sentimentos de Cristo Jesus” (Fil 2, 5).

Estamos abertos à graça desta experiência renovada mantendo-nos “fiéis à escuta da Palavra e à fracção do Pão (CST 17).

O aprofundamento e a interiorização do **carisma do Fundador**, em conjunto com a releitura atualizada que dele nos dá a nossa **Regra de Vida**, transmitem uma especial ressonância do Evangelho que nos foi dado para que a alegria de Deus esteja em nós e seja completa (cf. Jo 15, 11).

A atenção compassiva e solícita pela **história**, pelas “alegrias e esperanças, as tristezas e angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres” (GS 1) confirmam a autenticidade da nossa vida espiritual.

8 A experiência do amor misericordioso de Deus alimenta-se e exprime-se na **vida sacramental**. Ela significa participação nos sacramentos, especialmente a eucaristia e a reconciliação, mas também disponibilidade para fazer da nossa vida quotidiana um sinal sacramental da misericórdia.

Para isso não pode faltar ao nosso dia-a-dia **a escuta da Palavra de Deus e a solicitude para quem está em necessidade**, a oração pessoal e a oração comunitária, a partilha espiritual e o testemunho, o trabalho assíduo e sério.

A palavra misericórdia está em íntima ligação com o coração. Por isso vivemos seja a oração seja o serviço comunitário e apostólico como momentos de encontro pessoal, resgatando-os da tibieza, da rotina e da aridez de uma simples ocupação.

A presença de gerações e de culturas diversas, seja nas comunidades como no território, torna necessária e proveitosa uma atitude de abertura acolhedora.

Ações

9 O convite a viver misericordiosos em comunidade com os pobres é o critério-guia no nosso serviço apostólico (que não se esgota no ministério do sacerdócio ordenado), na programação da vida pessoal e comunitária.

- a) Cada comunidade crie um projeto de vida e apostólico
 1. para proteger e alimentar uma vida espiritual genuína, modelada pelo carisma, incarnada;
 2. para dar forma ao acolhimento e à partilha da vida com os necessitados.
- b) Encontrem-se formas atualizadas das expressões de oração específica da tradição dehoniana.
- c) Programem-se retiros periódicos e exercícios espirituais a nível de comunidades, cursos de formação permanente a nível de entidades ou de continente e, a nível de Congregação, iniciativas para o conhecimento do Fundador e da espiritualidade SCJ.
- d) Reforce-se o Centro de Estudos Dehonianos de Roma e promova-se a constituição de Centros de estudo a nível continental em favor da formação.
- e) Promova-se a partilha da espiritualidade com toda a Família Dehoniana.

2. Vida fraterna em comunidade

A misericórdia *ad intra* e *ad extra*

Deixando-nos penetrar pelo amor de Cristo e atendendo à sua prece «Sint Unum», esforçamo-nos por fazer das nossas comunidades verdadeiros centros irradiadores de vida evangélica, particularmente pelo acolhimento, pela partilha e pela hospitalidade (CST 63).

10 “Eu neles e Tu em Mim, para que eles sejam perfeitos na unidade e para que o mundo reconheça que Tu Me enviaste e os amaste como Me amaste a Mim” (Jo 17, 23). “Caríssimos, se Deus nos amou assim, também nós nos devemos amar uns aos outros” (1Jo 4,11).

O Padre Dehon encontra no **Sint Unum** (Jo 17, 21) a tradução do mandamento do amor, para com Deus e para com o próximo. É-nos possível obedecer porque o próprio Deus quer que sejamos uma coisa só com Ele e entre nós, e para isso Cristo não cessa de rezar.

Somos chamados, como discípulos de Jesus, a viver em comunidades para permanecer com Ele e, perseverando na comunhão fraterna, dar testemunho ao mundo do seu amor (cf. Act 2, 42-46). Esta é a nossa primeira forma de missão (cf. CST 60).

11 A obediência ao *Sint Unum* tem o rosto da misericórdia quando somos **solícitos uns para com os outros** para que nenhum se perca; quando oferecemos apoio a quem está ferido no corpo ou no espírito (cf. IL II.14); quando partilhamos aquilo que temos, o que fazemos, o que somos e o que queremos ser (cf. CST 25).

A **escuta da Palavra de Deus**, que constrói a comunidade, caminha em conjunto com a **escuta do irmão**, a correção fraterna com a valorização dos diferentes dons recebidos por cada um para a mútua edificação, a co-responsabilidade no projeto apostólico com a participação nos momentos de vida comum.

Neste tempo da Igreja e do mundo, a vocação à vida fraterna dispõe-nos, para além de nos converter continuamente do individualismo, a alargar o nosso acolhimento às diversas gerações e culturas.

Interculturalidade é uma forma que assume hoje a vida fraterna. É antes de mais uma *forma mentis*, uma disposição interior de abertura pessoal ao outro, visto que nas nossas comunidades, religiosas e territoriais, somos diferentes por proveniência, mas também por idade e formação.

12 **O serviço da autoridade do superior**, a todos os níveis, é para o apoio da pessoa e da vida fraterna e, conseqüentemente, dos projetos que a comunidade e as Entidades fazem. Também o ofício do **ecónomo é um ministério** ao serviço da comunhão fraterna até nos seus aspectos mais concretos. O ecónomo contribui para conservar e educar o estilo de vida da comunidade, administrador do tesouro precioso da caridade.

Algumas qualidades humanas e espirituais orientam-nos na escolha dos confrades aos quais confiar estes serviços:

- a) identificação com os *valores da nossa espiritualidade*, na vida interior e no serviço apostólico, para que nos possam ajudar a dar um serviço específico à Igreja, superando generalismo e clericalismo;
- b) capacidade de *trabalhar juntos*, isto é de dar o próprio contributo de “visão” e ao mesmo tempo de valorizar os dons e as competências dos outros, disponíveis para amadurecer decisões na escuta e no diálogo;
- c) uma profunda *humanidade* a que sejam conaturais respeito, empatia, compaixão, benevolência, espírito de serviço;
- d) *transparência*, que permite a participação e a co-responsabilidade, e *flexibilidade*, que torna possível a adaptação e a criatividade, que se exprimem também na responsabilidade em planificar prudentemente o futuro.

Ações

13 A misericórdia vivida em comunidade e como comunidade brota da consciência de que temos necessidade uns dos outros. Por isso consideramos necessário que:

- a) ao construir um projeto de vida, as comunidades definam os tempos da vida comum, em que haja espaço para a leitura atualizada da Palavra de Deus (*lectio*), para a celebração e adoração da eucaristia, para a oração comum, para os encontros comunitários de discernimento (conselhos de família), para os momentos de convívio;
- b) na organização da vida fraterna tenha-se em conta, a todos os níveis, o cuidado devido aos confrades mais débeis e anciãos;
- c) evite-se que um confrade seja obrigado a viver sozinho;
- d) as formas de transparência e co-responsabilidade económica previstas pelas NAB, particularmente a caixa comum, integrem o mínimo irrenunciável da partilha fraterna. Os comportamentos virtuosos sejam encorajados a todos os níveis;
- e) adoptem-se as propostas formuladas no *Relatório Económico* (5.7) e que o Capítulo Geral apoia:
 - 1. adopção da auditoria externa (*audit* externo) para os balanços das Entidades e das obras (5.3);
 - 2. constituição de gabinetes de desenvolvimento (5.4);
 - 3. programação económica para a redução da dependência (5.5);
 - 4. estudo de medidas económicas para a sustentação da Casa Geral (3.4 e 4.2.1).

Do mesmo modo o Capítulo Geral adopta a proposta formulada no *Relatório Peritos* (n. 5) para a «constituição de uma equipa de apoio» às Entidades.

14 Relativamente a este tema o Capítulo aprovou o seguinte:

Moção 4

Estude-se a possibilidade de criar novas estruturas de organização das Entidades, tendo em conta sobretudo as mais pequenas, em fase de desenvolvimento ou de envelhecimento. A organização, de tipo federal, deveria assegurar a especificidade de cada Entidade, num modelo de coordenação comum (cf. DG 124.5).

3. Formação

Conjugar formação teológico-espiritual e social

Todos os membros da comunidade, em atitude de leal colaboração e no respeito pelas funções de cada um, procurarão criar uma comunhão de vida em clima de oração, trabalho e serviço apostólico. Cada religioso deve sentir-se implicado nas tarefas da formação (CST 91).

A qualidade da nossa vida religiosa e a eficácia do nosso apostolado dependem, em grande parte, do nosso esforço constante de adaptação e renovação (CST 104).

15 Aprendamos de Cristo, manso e humilde de coração (cf. Mt 11, 29), a docilidade ao Espírito que nos consagra para fazer chegar às periferias desta nossa humanidade o alegre anúncio e um tempo de graça (Lc 4, 18-19). Colocamo-nos na escola da misericórdia de **Jesus mestre**, que oferece a Palavra e o pão, anuncia e cura, perdoa e liberta. Quanto mais o conhecemos a Ele e à sua misericórdia, tanto mais nos sentimos movidos a partilhar a vida com os necessitados.

A vida e o pensamento de **Padre Dehon** reafirmam a dupla atitude com a qual ele interpreta o seguimento de Jesus: uma profunda vida interior e uma solicitude criteriosa por quem sofre as injustiças de uma civilização que recusa o amor de Deus (cf. CST 94).

“Procurar-se á estabelecer uma relação vital com a história do Padre Dehon e da Congregação por meio do estudo, com o carisma da fundação, por meio do estilo de vida, com as exigências da Igreja, por meio de uma real inserção no contexto eclesial, social, cultural e político, particularmente entre os pobres, excluídos e marginalizados” (RFG 26.d).

16 A distância entre o estilo dehoniano ideal e a vida concreta faz da formação o tempo e o lugar de permanente **maturação**, a nível humano, religioso e apostólico, em conformidade com o nosso próprio carisma (cf. RFG 63-148). Essa formação propõe os valores ideais, os percursos para vivê-los concretamente, a necessidade e os modos para verificar a coerência da vida.

Em sintonia com a RFG, a formação inicial pretende ser também existencial e experiencial, para amadurecer **“um olhar mais atento aos pequenos, aos pobres, aos necessitados, entre os quais se encontram pessoas idosas, na Congregação e na sociedade”** (RFG 144). Dêem-se preferência às experiências pastorais em contextos de “periferia”.

A qualidade da vida fraterna mantém-nos em atitude de conversão. “*Para crescer na vida espiritual e para responder aos problemas, sempre novos, do nosso tempo, devemos manter-nos todos em clima de **formação permanente***” (CST 104).

Permanecer num caminho de formação é um modo de ser misericordiosos em relação a nós mesmos e em relação aos nossos irmãos, conhecendo e aceitando os nossos limites e os nossos dons, ajudando-nos a converter o que é pecado, em “esperança ativa daquilo que os outros podem vir a ser com a ajuda do nosso apoio fraterno” (CST 64; CF. Et 39).

Ações

17 A importância da formação, reafirmada a todos os níveis da Congregação, foi recordada repetidamente no Capítulo Geral e encontra expressão em algumas propostas.

- a) As Entidades disponham-se, também mediante acordos formais, a acolher e a enviar religiosos para a formação inicial.
- b) Encoraje-se, em todas as idades, o estudo de uma segunda língua.
- c) Cultive-se o estudo da língua francesa, para o acesso direto às nossas fontes.
- d) Promova-se, também mediante a atribuição de bolsas de estudo, o estudo das ciências sociais e da Doutrina Social da Igreja
- e) O Governo Geral convoque as Entidades, a nível continental, para avaliar a oportunidade de criar estruturas partilhadas de formação: inicial, permanente e para formadores.
- f) Promova-se a educação à castidade, com especial atenção à prevenção de todo o tipo de abusos.
- g) O Governo Geral ofereça oportunidades formativas a quem é chamado a administrar os bens (cf. *Relatório Económico* 5.3): um curso para ecónomos no próximo triénio e um encontro de todos os ecónomos das Entidades.
- h) Organize-se um encontro qualificado sobre a Doutrina Social da Igreja (sugere-se: Misericórdia na Doutrina Social da Igreja)

18 Em relação a este assunto o Capítulo Geral aprovou o seguinte:

Moção 3

Para favorecer a dimensão internacional na formação inicial, estude-se a organização estável para o intercâmbio de estudantes, criando em cada escolasticado lugares destinados a jovens religiosos de outras Entidades. O Governo Geral deverá ter um papel de coordenação deste intercâmbio, em diálogo com as Entidade interessadas.

4. Escolha preferencial pelos pobres

Relação entre misericórdia e apostolado

Partilhando as nossas alegrias e sofrimentos, Cristo identificou-Se com os pequenos e com os pobres, aos quais anunciou a Boa Nova (CST 28).

Se tomarmos a sério o nosso compromisso de pobreza, estaremos dispostos a pôr tudo em comum entre nós e a ir ao encontro dos pobres e necessitados (CST 51).

19 A encarnação de Cristo apresenta-se como o grande ato da misericórdia na história. A palavra, as acções, toda a **vida de Jesus** são manifestação do amor de Deus para com os pobres. Somos seus discípulos se deixamos aquilo que temos e seguimos atrás d'Ele que se despojou a si mesmo, tomando a condição de servo, pobre com os pobres (cf. Fil 2, 6-8; 2Cor 8, 9). "Bem-aventurados os pobres" e "bem-aventurados os misericordiosos" entrelaçam-se em cada um dos nossos projetos de vida apostólica (cf. Mt 5, 3-12; Mt 25, 34-46).

Também a vida e o ensinamento do **Padre Dehon** são testemunho da sua solicitude para com os necessitados do seu tempo. Estudou a "questão social" (cf. CSC, MSO, RSO) e trabalhou para que também os mais fracos vissem respeitada a sua dignidade.

Foi reconhecido como o "apóstolo da *Rerum novarum*" e da doutrina social da Igreja que, com aquele magistério, estava a nascer.

Hoje este **ensinamento da Igreja**, que nos ajuda a discernir as múltiplas manifestações da pobreza, é amplo e profundo. O magistério do Papa Francisco afirma "*sem jogos de palavras que existe um laço inseparável entre a nossa fé e os pobres*" (EG 48).

No magistério da Igreja sentimos ressoar o apelo do Padre Dehon "Ide ao povo" e interpretamo-lo hoje como o convite a chegar às periferias existenciais (CST 50). "*A caracterização da missão como serviço e proximidade com os pobres, os últimos e os que estão nas periferias, corresponde ao projeto dehoniano de reconciliação e de reparação das feridas da humanidade. Prepararmo-nos e tornarmo-nos disponíveis para esta missão é o que dá sentido à nossa consagração pessoal e à existência da Congregação*" (Relatório Geral 5.2.3).

20 A **pobreza** escolhida com a profissão religiosa é renúncia à posse, mas é sobretudo dom de nós mesmos. É uma relação mais do que uma virtude (cf. CST 46). A misericórdia para com os pobres é genuína se vivida com eles e como eles. Assim deixamos o paternalismo pela solidariedade, o privilégio pelo serviço, as situações seguras para «*sair do próprio comodismo e ter a coragem de chegar a todas as periferias que precisam da luz do Evangelho*» (EG 20).

Para nos fazermos próximo das pessoas com dificuldades, pessoais e sociais, comprometemo-nos a **estudar as suas causas** e a organizarmo-nos, para que a misericórdia signifique respeito e não superficialidade, solidariedade e não piedade, e nos habilite a transformar a realidade, incidindo sobre as estruturas de pecado.

Mantemo-nos solícitos na misericórdia para acolher os apelos que surgem da realidade em que vivemos e reconhecer as **novas formas** de pobreza.

Ações

21 A escolha preferencial pelos pobres provoca uma conversão da mente e das ações, para que a misericórdia incida sobre a realidade para transformá-la segundo o Coração de Cristo.

- a) Promover uma cultura social
 - 1. na formação inicial e permanente;
 - 2. na divulgação dos documentos do magistério;
 - 3. na organização de encontros de estudo a nível internacional;
 - 4. na reativação da Comissão Justiça, Paz e Reconciliação;
 - 5. na constituição de uma rede social dehoniana;
 - 6. no incrementar a colaboração com outros institutos religiosos;
- b) Concertar em comunidade e nas Entidades as iniciativas para assumir o cuidado dos confrades mais débeis.
- c) Ativar ou participar em iniciativas de economia solidária.
- d) Colaborar com os leigos, e sobretudo com os jovens, nas iniciativas de voluntariado social.
- e) Incentivar iniciativas comunitárias de solidariedade com os pobres e projetar comunidades solidárias com os pobres.

22 Em relação a este assunto o Capítulo Geral aprovou o seguinte:

Moção 1

Nós, Congregação dos Sacerdotes do Coração de Jesus, reunidos no XXIII Capítulo Geral, em representação de 40 nações, desejamos tomar posição e afirmar a nossa solidariedade plena com os cristãos perseguidos. Convidamos todos os governos a mobilizarem-se para assegurar aos cristãos o respeito pela sua dignidade e pelos seus direitos. Pedimos aos meios de comunicação social que combatam a indiferença geral e o silêncio. Aos nossos irmãos cristãos perseguidos reafirmamos a nossa solidariedade e asseguramos a nossa oração.

5. Missão

Em “saída” a nível pessoal e comunitário

A exemplo do Fundador, sintonizando com os sinais dos tempos e em comunhão com a vida da Igreja, queremos contribuir para instaurar o reino da justiça e da caridade cristã no mundo (CST 32).

Longe de nos alhear dos homens, a nossa profissão dos conselhos evangélicos torna-nos mais solidários com a sua vida (CST 38).

A nossa vida comunitária está ao serviço de uma missão apostólica, segundo a nossa vocação específica e fortifica-se no cumprimento de tal serviço. A comunidade deixa-se interpelar pelos homens no meio dos quais vive e procura assumir e apoiar os seus esforços de reconciliação e de fraternidade (CST 61).

23 O Pai, na sua misericórdia, enviou-nos o seu Filho, com Espírito Santo e com poder, Ele que passou fazendo o bem e curando todos os que eram oprimidos pelo maligno (cf. Act 10, 38). “Assim como o Pai me enviou, também eu vos envio a vós” (Jo 20, 21). “**Ide** ... até aos confins do mundo ... anunciai ... curai...”: como discípulos de Jesus somos enviados até às mais longínquas periferias para anunciar a alegria do Evangelho e viver a misericórdia que cura.

Com o seu **Ecce venio** o Padre Dehon viveu a obediência de Jesus ao ser enviado, para que seja feita a vontade do Pai e venha o seu Reino. Nós nascemos do sim a uma missão. Maria com o seu **Ecce ancilla**, «estimula-nos à disponibilidade na fé e é a imagem perfeita da nossa vida religiosa” (CST 85). Façamos nosso o seu *Fiat*, graças ao qual a misericórdia de Deus “se estende de geração em geração”.

Jesus chamou os discípulos “para andarem com Ele e para os enviar a pregar, com o poder de expulsar demónios” (Mc 3, 14-15). O carisma deixado pelo Padre Dehon à Congregação é animado por esta **dupla vocação**: permanecer no Coração de Cristo (cf. CST 17) e “ir ao povo” para pregar e libertar do mal; uma intensa vida espiritual e um serviço apostólico rico de misericórdia.

24 **A Congregação é missão.** Essa encontra expressão na vida fraterna (CST 60), em comunidade com os pobres. Movidos pela misericórdia, somos constantemente impelidos a **sair** dos limites das nossas “sacristias”, a assumir a coragem do risco, a tornar-nos presentes nas realidades de maior necessidade.

É *missio ad gentes*, onde ainda não chegou o Evangelho, mas também é cada vez mais a ajuda recíproca entre as Igrejas (cf. CST 34) e, para nós, entre as Entidades. Muitas destas - generosas no passado fora das suas fronteiras - hoje têm necessidade de ser ajudadas para uma nova evangelização.

A missão exige um profundo **conhecimento da realidade** na qual se serve, mesmo quando nos é familiar; uma capacidade de diálogo com as culturas e religiões; o interesse em colaborar com a Igreja local, com outras famílias religiosas, com instituições civis e com os leigos. São todas dimensões que requerem educação e formação, para se poder estar inseridos numa realidade e **transformá-la**.

Não tendo sido fundada “em vista de uma obra determinada” (CST 30), a Congregação procura criativamente (cf. CST 32) métodos adequados para o anúncio e

modelos também inéditos de presença para viver a misericórdia, em comunidade, com os pobres.

Ações

25 Misericordiosos em comunidade com os pobres é uma missão para ser vivida em conjunto, em solidariedade e em colaboração.

- a) Ajuda recíproca na missão entre Entidades, segundo o modelo da permuta entre Igrejas.
- b) Na colaboração com as Igrejas locais é necessário trabalhar na base de convenções.
- c) Projetos de formação para a missão, incluindo o estudo da missiologia, para os quais as Entidades criam disponibilidade para enviar e para acolher confrades.
- d) Apoio privilegiado a projetos comunitários em colaboração com os leigos.
- e) Os projetos pessoais devem ser analisados para estarem sintonizados com os projetos comunitários.
- f) Estruturas organizativas para apoio à missão (comissões, gabinetes de desenvolvimento, secretariados em rede).
- g) Promover a nível de Congregação a “Missão Dehoniana Jovem”.
- h) Colaborar mais de perto e de modo contínuo com as outras componentes da Família Dehoniana.
- i) Apelo à Congregação para ajudar Entidades em dificuldade.
- j) O desenvolvimento da missão exige sempre mais o uso competente dos meios de comunicação social.

26 Em referência a este assunto o Capítulo Geral aprovou o seguinte:

Moção 2

Seja proposto a cada confrade que por ocasião da Profissão Perpétua ou da Ordenação Presbiteral, faça uma declaração de disponibilidade missionária, dirigida ao Superior Maior e ao Superior Geral. A coordenação entre as necessidades da missão e a disponibilidade das pessoas terá lugar em diálogo entre as Entidades e o Governo Geral.

Conclusão

27 Na fraternidade, oração, discernimento destes dias, sentimos que pertencemos a uma Congregação dinâmica e animada pelo desejo de viver a alegria do Evangelho.

Isto fez com que em cada momento tivéssemos sempre presente os confrades e tantos filhos e filhas de Deus para os quais a alegria do Evangelho parece uma esperança demasiado distante devido ao peso da sua condição de vida ou às feridas da sua história.

Deixámo-nos interpelar pela palavra de Deus, pelo depósito da fé da Igreja e pelo tesouro da nossa herança espiritual, mas também pela realidade na qual queremos viver misericordiosos, em comunidade, com os pobres.

28 Fomos introduzidos nos trabalhos do Capítulo Geral pelas palavras do Pe. José Ornelas Carvalho que presidiu: “Como Congregação sentimo-nos limitados. [...] De qualquer forma Deus fez-nos tantos dons de fraternidade, de inteligência, de serviço livre e libertador, de trabalho, de generosidade missionária...[...] Oferecemos tudo aquilo que temos e oferecemo-nos inteiramente, com humildade e alegria, sabendo que, das suas mãos, vem tudo aquilo que falta à nossa pobreza, à nossa inteligência e aos nossos esforços. A sua bênção multiplicará estes pequenos dons, para saciar aqueles que têm fome de pão, de justiça, de esperança, de vida” (*Homilia*).

29 Quando o Capítulo Geral estava a quase a concluir, o Papa Francisco recebeu-nos em audiência. Das suas palavras recebemos a confirmação para fazer da misericórdia o centro da nossa vocação. “A misericórdia é a palavra-síntese do Evangelho, podemos dizer que é o “rosto” de Cristo”. Convidou-nos a procurar sempre o Seu rosto na adoração eucarística e a abrir-nos “com prontidão às necessidades atuais e a estar ativamente presentes nos novos areópagos da evangelização, privilegiando, mesmo que isso tivesse de comportar sacrifícios, a abertura àquelas realidades de extrema necessidade que se revelam sintomáticas das doenças da sociedade de hoje”. “O mundo está doente e precisa das carícias de Deus”, disse-nos falando de improviso. “No fim é aquilo que conta: ser encontrado por Jesus, curado por Jesus, perdoado por Jesus”. É também aquilo que conta ao concluir o nosso Capítulo Geral.

30 Os nossos santos, o Venerável Leão Dehon – «cuja beatificação continuamos a desejar com ativa esperança» (*Saudação*) – e o beato João Maria da Cruz, juntamente com Santa Maria, nossa Mãe, modelo e proteção de todos, nos acompanhem e nos sustentem para que sejamos misericordiosos em comunidade com os pobres, e possamos anunciar o Reino do seu Filho, a cada irmão e irmã que espera a salvação e a alegria verdadeira.

Roma, 5 de Junho de 2015.

Abreviaturas e citações

Bressanelli – V. Bressanelli, «Sulle frontiere dell'amore» [14.4.1996]: *Cartas circulares* VIII, 1996.

CSC – L. Dehon, *Catéchisme Social* (1898)

CST – Constituições dos Sacerdotes do Coração de Jesus (2009)

DG – Directório Geral dos Sacerdotes do Coração de Jesus (2009)

EG – Francisco, Exortação apostólica *Evangelii Gaudium* (2013)

ESC – L. Dehon, *Études sur le Sacré-Cœur de Jésus* (I: 1922; II: 1923)

ET – Paolo VI, Exortação apostólica *Evangelica Testificatio* (1971)

GG – Governo Geral SCJ

IL – *Instrumentum laboris* do XXIII Capítulo Geral (2015)

MSO – L. Dehon, *Manuel Social Chrétien* (1894)

NHV – L. Dehon, *Notes sur l'Histoire de ma Vie* (1975)

Homilia - J. Ornelas Carvalho, *Homilia do Superior Geral no início do XXIII Capítulo Geral* (2015)

OSP – L. Dehon, *Œuvres Spirituelles* (1985)

Relatório Ecónomo – A. Mielgo Domínguez, *Relatório do Ecónomo Geral ao XXIII Capítulo Geral* (2015)

Relatório Peritos – Comissão dos Peritos, *Relatório da Comissão de Peritos ao XXIII Capítulo Geral* (2015)

Relatório Geral – J. Ornelas Carvalho, *Relatório do Superior Geral ao XXIII Capítulo Geral* (2015)

RFG – *Ratio Formationis Generalis* SCJ (2014)

RSC – L. Dehon, *La Rénovation Sociale Chrétienne* (1900)

Saudação – H. Wilmer, *Palavras de saudação ao Santo Padre na Audiência ao XXIII Capítulo Geral* (2015)

SCJ – Sacerdotes do Coração de Jesus (Dehonianos)